

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

ADRIENE FERREIRA DE FREITAS NUNES

**ANÁLISE DA ESCRITA DO GÊNERO RESENHA: estudo de caso de uma turma
do 6º ano do ensino fundamental.**

Belo Horizonte

2012

ADRIENE FERREIRA DE FREITAS NUNES

**ANÁLISE DA ESCRITA DO GÊNERO RESENHA: estudo de caso de uma turma
do 6º ano do ensino fundamental.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Clenice Griffo

Belo Horizonte

2012

ADRIENE FERREIRA DE FREITAS NUNES

**ANÁLISE DA ESCRITA DO GÊNERO RESENHA: estudo de caso de uma turma
do 6º ano do ensino fundamental.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Clenice Griffo

Aprovado em 07 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

RESUMO

Este trabalho faz uma análise de resenhas escritas por 30 alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Governador Carlos Lacerda, em Belo Horizonte no período de outubro a dezembro de 2011, em cinco aulas semanais de Língua Portuguesa com duração de 60 minutos, com o intuito de conhecer quais as principais dificuldades encontradas pelos alunos durante o processo de produção de textos, bem como mensurar os erros cometidos, com a elaboração de gráficos com a quantificação dos erros ortográficos e de pontuação, e qualificação dos erros de coerência, coesão e inadequação ao gênero, propondo ao final da análise, estratégias e recursos que podem ser utilizados pelos professores a fim de dar aos alunos condições ideais como por exemplo a revisão e reescrita como meio de otimizar a produção de texto adequados ao gênero trabalhado, formando escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes,.

Palavras-chave: Produção de texto, Gênero, Resenha.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	6
2. JUSTIFICATIVA	8
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
3.1. Texto	10
3.2. O processo de produção de textos	12
3.3. Gêneros textuais	14
4. PROBLEMATIZAÇÃO	16
5. OBJETIVOS	
5.1. Objetivo Geral.....	17
5.2. Objetivo Específico	17
6. METODOLOGIA	
6.1. Recursos utilizados	18
6.2. Desenvolvimento	18
6.2.1. Contos	19
6.2.2. Fábula	20
6.2.3. Resenha	20
7. RESULTADOS ENCONTRADOS	
7.1. Análises dos dados.....	22
7.2. Considerações Finais	27
ANEXOS	
ANEXO A.....	30
ANEXO B.....	31
ANEXO C	32
ANEXO D	33
ANEXO E.....	34
ANEXO F	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho faz uma análise de resenhas de filme produzidas por alunos do 6^a ano do ensino fundamental da Escola Municipal Governador Carlos Lacerda, apontando as dificuldades dos alunos, na organização de ideias e escrita. Propondo ao final, estratégias e recursos que podem ser utilizados pelos professores a fim de levar os alunos a uma produção adequada ao gênero trabalhado, formando escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes.

O trabalho foi desenvolvido em uma turma de 30 alunos, formado por 12 meninos e 18 meninas, alunos na faixa etária de 11 à 12 anos. A Escola Municipal Governador Carlos Lacerda (E.M.G.C.L) é situada na região nordeste de Belo Horizonte e atende à alunos de bairros próximos. A maioria dos alunos tem assistência da família, são pais presentes e participativos na vida escolar de seus filhos.

A E.M G.C.L, oferece todo o ensino fundamental, 1^o, 2^o e 3^o ciclos e funciona nos turnos da manhã e tarde, atendendo ao total de 1120 alunos nos dois turnos. No primeiro turno atende aos alunos do 3^o ciclo e ensino médio e no segundo turno aos alunos do 1^o e 2^o ciclo, além de 2 turmas de projeto de aceleração de estudos. Os 1^o e 2^o ciclo foi implantado na escola no ano de 2011, houve a lotação de professores habilitados para atender esta faixa etária. Também houve adaptação tanto dos recursos humanos quanto da infraestrutura. Foi formado no início do ano de 2011, duas turmas de 1^o ano (6 anos) e quatro de final de 2^o ciclo (6^o ano). Eram alunos novatos na escola, a maioria vindos de outras escolas públicas, de bairros próximos.

A escola possui 22 salas de aula, 1 sala de informática, 1 auditório, 1 laboratório de ciências, 1 sala de multimídia equipada com 1 data-show, 1 telão e 1 DVD, 1 cantina, 1 refeitório, 2 pátios para recreação , 2 quadras poliesportiva, 1 ginásio, 1 biblioteca, 1 secretaria, 1 sala de direção e 2 salas para coordenação, uma pedagógica e outra disciplinar, 1 sala dos professores com 2 computadores e 1 impressora.

Dos seus 54 professores, todos possuem curso superior e aproximadamente 80% possuem um ou mais cursos de pós-graduação. Destes 5 são coordenadores pedagógicos, há também um profissional chamado TSE (técnico superior da educação), além de 2 auxiliares de biblioteca e 1 bibliotecário.

As festas que fazem parte do calendário escolar são: páscoa, festa junina, e natal, além dos momentos coletivos como: teatro, contação de histórias, dança e hora cívica.

A maior parte dos alunos tem computador em casa, com acesso a internet para pesquisas escolares, bate-papo no MSN, e acesso à redes sociais como: Facebook, Orkut, etc. Os alunos que não possuem computador em casa, fazem uso de lan houses.

2. JUSTIFICATIVA

De acordo com os PCN's (Brasil, 1997), “não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita”.

Os PCN's de Língua Portuguesa estão fundamentados basicamente na teoria dos gêneros textuais, sugerindo que o trabalho com a língua materna, no que se refere ao ensino de recursos expressivos da linguagem, tanto oral quanto escrita, desenvolva o conhecimento necessário para que os participantes envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem saibam adaptar suas atividades linguísticas, com sucesso, aos eventos sociais comunicativos de que já participam e para participar de novos. (LOVATO, 2008)

Então, partindo desta ideia destaca-se o fato de que, no ensino da Língua Portuguesa, o educador deve selecionar e oferecer aos educandos uma diversidade de gêneros textuais, com temáticas expressivas para a realidade dos alunos e que, além disso, estejam de acordo com a escolaridade e a faixa etária dos mesmos.

Escrever é necessário para aprender a escrever, mas não é suficiente. As atividades de ler e escrever consistem em participar na comunicação verbal humana. Para aprender a ler e a escrever, os alunos têm que participar de atividades diversas de leitura e escrita, com finalidades, interlocutores e modos de interação diversos. Mas, para aprender a complexidade dos usos escritos, é preciso haver atividades de ensino e aprendizagem que prevejam a existência de conhecimentos específicos relacionados com as particularidades dos gêneros descritos a ensinar. Visto de outra perspectiva, as atividades de ensino por si mesmas, sem oferecer aos alunos oportunidades para escrever em situações diferentes, não seriam suficientes para aprender a escrever textos que devem responder à complexidade dos contextos interativos. Coloca-se, pois, a necessidade de relacionar a prática com a reflexão. (CAMPS, 2006).

Desse modo, será possível desenvolver momentos significativos e prazerosos com a leitura e a escrita, na sala de aula. Portanto, ao adotar o trabalho com os

diversos gêneros, a escola estará contribuindo para uma mudança na perspectiva da leitura e da produção textual, fugindo ao tradicionalismo (decodificar X codificar).

As proposições curriculares de língua portuguesa para o ensino fundamental da rede municipal de Belo Horizonte apoiada nos PCN's, apontam como capacidades-habilidades a serem desenvolvidas nos alunos no final do 2º ciclo (6º ano), dentre outras:

- Relacionar os diferentes gêneros orais à situação que são usados.
- Ouvir e compreender a leitura de textos de diferentes gêneros adequados e de interesse à faixa etária do 6º ano.
- Produzir textos de diferentes gêneros orais (histórias, caso, piada, aviso, relato de experiência pessoal) empregando a variedade linguística adequada.
- Ler com compreensão diferentes gêneros textuais considerando:
 - a- Sua função social
 - b- Seu suporte
 - c- Seu contexto de circulação
 - d- Sua estrutura
 - e- Sua característica linguístico-discursivas.

A partir destas propostas torna-se essencial a mudança de postura do professor diante desta nova perspectiva do trabalho com produção de texto. Repensar o seu papel de mediador deste processo, criando condições favoráveis para o processo de produção dos alunos. Daí a escolha pelo trabalho com os alunos do 6º do ensino fundamental: análise e produção de gêneros textuais.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Texto

O conceito de texto está associado a sua etiologia, a palavra *textum* proveniente do *latin*, que significa tecido. A essência de um texto é a de uma espécie de tecido. Porém, nessa espécie de tecido, o que realmente se entrelaça, para formar um produto final, não são fios, como nos tecidos propriamente ditos, mas seqüências informativas e representativas.

O texto resulta de um trabalho de tecer, de entrelaçar várias partes menores a fim de se obter um todo inter-relacionado. Daí poder falar em textura ou tessitura de um texto: é a rede de relações que garantem sua coesão, sua unidade. (INFANTE, 1998).

Um texto não é simplesmente uma seqüência de frases isoladas, mas uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas. (KOCH, 1989. p. 11).

O texto será entendido como uma unidade linguística concreta, que é tomada pelos usuários da língua, em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão. (KOCH e TRAVAGLIA, 1989).

Do ponto de vista linguístico, textos são conjuntos de unidades discursivas estruturadas, não apenas de acordo com padrões sintático-gramaticais, mas também inter-relacionadas segundo princípios lógico-semânticos.

As unidades discursivas inter-relacionadas de acordo com princípios lógico-semânticos constituem textos. Textos caracterizam-se, assim, pela coerência conceitual, pela coesão sequencial de seus constituintes no plano do significado, pela adequação às circunstâncias e condições de uso da língua.

O conceito que normalmente temos de texto é empírico. Diante de uma série de enunciados não inter-relacionados dentro desses princípios lógico-semânticos, numa dada situação de uso da língua, sabemos que não estamos diante de um texto. Para que identifiquemos como texto uma série de enunciados encadeados, é preciso que a seqüência de enunciados forme um todo significativo, constitua uma unidade de sentido, nas circunstâncias de uso em que ocorrem. (MARQUES, 1990)

Embora as definições de texto sejam muitas, Fiorin e Savioli (1996), relata que a definição de texto é muito ampla quando diz que texto é um todo organizado de sentido.

3.2 O processo de produção de textos

Bronckart considera os textos são produto da linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamados de gêneros de texto,

A linguagem é prática social, em que as condutas humanas constituem redes de atividades desenvolvidas num quadro de interações diversas, materializadas através de ações de linguagem, que se concretizam discursivamente dentro de um gênero. (BRONCKART, 1999)

Um processo (tecer) semelhante acontece, quando produzimos um texto, ou seja: a quem esse texto será destinado, que objetivos pretendemos atingir com esse texto, o meio através do qual esse texto será veiculado vão orientar a seleção do vocabulário, do estilo de linguagem, etc. Todos esse fatores vão determinar o gênero de texto que será produzido e o processo de sua produção/ interpretação. (VIEIRA & VAL, 2005)

As condições para a produção de um texto escrito, segundo Costa Val (2005) não dependem propriamente da situação física, material, porém estão diretamente ligadas aquilo ao contexto que o autor determina sobre a escrita e principalmente sobre a leitura de seu texto.

A autora menciona que o autor tem em mente os objetivos que deve cumprir:

- O leitor a quem se destina
- Do que ele gosta
- Que expectativas e disposições ele tem
- Em que suporte o texto vai chegar ao leitor (papel de carta, mural, jornal, livro, computador/internet, etc.)
- Com que apoios o leitor poderá contar durante a leitura (ilustrações, fotos, tabelas, mapas, etc).

De posse dessas informações que quem escreve, definirá as informações que vão entrar no seu texto, e como as informações serão usadas e organizadas, de que gênero será o texto, o tipo de linguagem que será usado (formal ou informal) e o tamanho que o texto vai ter. (COSTA VAL E VIEIRA, 2005)

A autora Maria da Graça Costa Val também escreve em seu livro *Redação e Textualidade* sobre as condições de produção de texto:

[...] É preciso deter a atenção sobre as condições de produção desse discurso, o que significa avaliar o papel dos fatores pragmáticos (situacionalidade, intencionalidade e aceitabilidade) sobre a textualidade desses textos específicos. (COSTA VAL, 2006)

Segundo Vieira e Val (2005) a construção do texto estão diretamente ligadas ao contexto (fatores relacionados ao meio de divulgação do texto, fatores relacionados ao leitor, etc.) de sua construção.

As condições de produção de um texto escrito, portanto se constituem não propriamente pela situação física, material, mas sim por aquilo que o outro do texto pensa sobre a situação de escrita e de leitura de seu texto, isto é, por aquilo que o outro tem em mente sobre: os objetivos que devem cumprir, o leitor a quem se destina o texto (do que o leitor sabe, do que ele gosta, que expectativas e disposições ele tem), em que suporte o texto via chegar (papel de carta, mural, jornal, livro, computador/internet, etc.) com que apoios o leitor poderá contar durante a leitura (ilustrações, fotos, tabelas, mapas, etc.). É a partir desses fatores que quem escreve define as informações que vão entrar no seu texto, o tipo de linguagem que será usado (linguagem formal e respeitosa, gíria, linguagem coloquial, etc.), o tamanho que o texto vai ter, e etc. (VAL E VIEIRA, 2005).

O texto escrito é influenciado pelos valores, conceitos e experiências pessoais do autor, de modo que o texto vai refletir o que o autor é, bem como o que ele está tentando comunicar. Somado a isso, um texto eficaz é aquele que não somente expressa o significado pretendido pelo autor, mas também é compreendido pelo leitor.

3.3 Gêneros textuais

O processo de produção de texto depende da determinação do gênero textual adotado, o nosso caso optamos pelos gêneros conto, resenha e fábula.

O conto foi, em sua primitiva forma, uma narrativa oral, frequentando as noites de lua em que antigos povos se reuniam e, para matar o tempo, narravam ingênuas histórias de bichos, lendas populares ou mitos arcaicos. Numa tentativa de verossimilhança, de fidelidade a um aspecto real, naturalmente, os primeiros registros, em língua escrita, dos contos populares, apresentam semelhante estrutura.

Assim com a novela e o romance são do tipo narrativo, assim também o conto literário o é. Em contraste com o romance, que geralmente é mais longo, o conto é mais curto (*short story*, no inglês), isto é, de configuração material narrativa pouco extensa, historicamente verificável. Essa característica de síntese traz outras: número reduzido de personagens ou tipos; esquema temporal e ambiente econômico, muitas vezes, restrito; uma ou poucas ações, concentrando os eventos e não permitindo intrigas secundárias como no romance ou na novela, e uma unidade técnica e de tom (fracção dramática, sedutora, em que tempo e espaço e personagens se fundem, muitas vezes) que o romance não mantém. A limitação de extensão e síntese do conto tem a ver com suas origens socioculturais e circunstâncias pragmáticas. Ele tem origem nos casos/ causos populares que, com sua função lúdica e moralizante, tanto seduziam e seduzem o auditório presencial dos contadores de casos das comunidades. Associa-se ao desejo humano de compartilhar acontecimentos, sentimentos e ideias. Trata-se da atmosfera mágica do "Era uma vez...", presente nas narrativas ou relatos que deram origem às histórias de Mil e uma noites, por exemplo, a tantas fábulas, a tantos contos de fadas. Socioculturalmente, portanto, o conto literário tem sua origem na cultura oral, enquanto o romance é regido pela cultura escrita/leitura. (Costa, S. R. em Dicionário de Gêneros textuais)

O termo fábula refere-se textos de caráter moralizante baseado na tradição greco-latina de Fedro e Esopo.

Sem entrar na discussão de outros conceitos de fábula, como por exemplo, o dos Formalistas Russos ou as relações ou oposições com os conceitos de intriga ou motivo da Teoria Literária ou o conceito de *mythos* em Aristóteles, vamos nos ater ao clássico conceito de fábula que sem sua origem em Esopo (século VI a.C) e Fedro (século I d.C) e foi retomada, no Classicismo francês, por La Fontaine. Trata-se de uma narrativa, quase sempre breve, em prosa ou, na maioria, em verso, de ação não muito tensa, de grande simplicidade e cujos personagens, muitas vezes animais irracionais que agem como seres humanos, não são de grande complexidade. Aponta sempre para uma conclusão ético-moral. É um gênero de grande efeito perlocutório, próprio dos textos narrativos, pois vai ao encontro dos hábitos, das expectativas e das funcionalidades culturais do leitor. (Costa, S. R. em Dicionário de Gêneros textuais)

Resenha, ou resensão, é, segundo o dicionário, uma "apreciação breve de um livro ou de um escrito".

Breve comentário crítico ou uma avaliação de uma obra que deve conter o assunto e como ele é abordado e tratado, a organização, a ilustração, se houver, etc. Uma resenha ou resensão crítica deve ser feita levando-se em consideração os conhecimentos prévios sobre o assunto, se há alguma característica especial, como a obra foi escrita (estilo), se tem alguma utilidade para o leitor, se há similaridade com outras obras do autor ou de outros autores. Nesse sentido, a produção de resenha implica atividades de leitura, interpretação e resumo prévios e um posicionamento em face de uma questão potencialmente controversa que exigirá uma boa sustentação argumentativa em favor do ponto de vista defendido, já que haverá leitores que não comungam com a mesma tese. No início, devem citar as referências bibliográficas completas, incluindo o número total de páginas e o preço da obra. A extensão vai depender do espaço (jornal, periódico, etc.) onde vai ser publicada. No jornalismo, tipo de resumo de texto, de extensão maior que a sinopse, em que se pode fazer também uma análise crítica ou informativa de uma obra ou ainda uma sinopse geral do que de fundamental ocorreu em determinado período, em matéria de noticiário. (Costa, S. R. em Dicionário de Gêneros textuais)

4. PROBLEMATIZAÇÃO

- Por que os alunos do 6º ano, não conseguem produzir textos, de forma adequada com as características do gênero textual trabalhado?
- Quais são as condições de produção criadas no ambiente escolar, para o trabalho de produção de texto?

5. OBJETIVOS

5.1. Objetivo Geral

O presente trabalho tem por objetivo analisar a escrita do gênero: resenha (sinopse) de filme, apontando as dificuldades dos alunos, nesta escrita.

5.2 Objetivos Específicos

- Desenvolver no aluno o gosto pela produção de texto.
- Oferecer condições adequadas para o desenvolvimento da escrita no aluno em suas produções.
 - Considerar o uso social da escrita, focando o processo e as condições de produção de texto, mostrando que a escrita é uma prática contextualizada.
 - Trabalhar o uso social dos gêneros textuais.
 - Apresentação dos gêneros: resenha, conto e fábula, abordando suas especificidades.

6. METODOLOGIA

6.1 Recursos utilizados

Os seguintes recursos foram utilizados durante a realização do trabalho com a turma:

- Aulas expositivas
- Discussão sobre as características discursivas e textuais dos gêneros abordados.
- Pesquisas na internet
- Interpretação de textos
- Filme
- Produção de textos
- Reescrita
- Leituras orais
- Exposição dos textos em murais

6.2 Desenvolvimento

As atividades foram realizadas com uma turma do 6º ano do ensino fundamental, com 30 alunos na faixa etária de 11 à 12 anos. O período em que se desenvolveu as atividades foi de outubro à dezembro de 2011. Em 5 aulas semanais de língua Portuguesa com duração de 60 minutos.

O trabalho foi realizado objetivando trabalhar com diferentes gêneros de ampla circulação social. Escolhi em conjunto com a turma o trabalho com os gêneros: conto, fábula e resenha.

Além disso, foram observados aspectos da situação de produção e de recepção do gênero: quem é o locutor (o autor do texto), quem é o interlocutor, qual a finalidade do texto, qual sua esfera de circulação, qual seu suporte.

O segundo passo, estava voltado para a produção do aluno dos gêneros conto e resenha, desenvolvida de acordo com propostas que permitiam a aplicação dos aspectos teóricos vistos em sala.

A forma de divulgação dos textos foram vários, como: trocas com o parceiro, de modo que um leia o texto do outro, leitura oral em sala, exposição no mural da sala, etc.

Primeiramente foi realizado o trabalho com o gênero contos, em seguida fábula e por último a resenha, na qual é apontado posteriormente em gráfico as maiores dificuldades encontradas pelos alunos e uma análise dos mesmos.

A proposta de trabalho com a reescrita após as produções das resenhas estava previsto, porém devido a um problema de saúde que apresentei no final do mês de novembro até o encerramento do ano letivo, impossibilitou o uso deste recurso com os alunos. Foram analisadas as produções dos alunos, sem o retorno dos mesmos após realizarem uma releitura e reescrita de seus textos.

6.2.1 Contos

O trabalho com contos deu início a partir de conversas em sala, sobre as histórias que os alunos mais gostavam, que tipo de livro que eles liam mais. Surgiu o gênero contos, principalmente os contos de fadas, que eram o gênero que eles mais tiveram acesso, nos anos escolares anteriores.

Houve uma sondagem com a turma sobre as características do gênero conto (características, finalidade, estilo, linguagem, suporte, etc.). A turma teve acesso ao conceito de conto, retirado do Dicionário de Gêneros. A partir daí foram realizadas análises e discussões do seu conceito. Foi então levado para a turma o conto Chapeuzinho Vermelho em anexo (ANEXO A) e duas questões acerca do texto (ANEXO B).

Após a realização destas atividades e de outras leituras, foi apontado que os contos caracterizam-se por contar uma história que acontece no mundo da fantasia e por apresentar personagens como reis, princesas, fadas, bruxas, gigantes, príncipes, mágicos, camponeses, animais e objetos falantes, pessoas sob encantamento, pessoas com dons excepcionais e lugares como florestas, montanhas encantadas reinos distantes, além de objetos e poções mágicas. Na maioria, das vezes tem também um final feliz.

A partir daí, foi proposto para a turma a produção de um conto. Levando em conta as características acima, e a escolha de um dos personagens de conto de que eles mais gostaram (um mágico, uma fada, um super-herói, etc.). Porém, o conto deveria ser escrito, adaptando algumas características aos dias atuais. Ou seja, um conto moderno.

Segue em anexo (ANEXO C e ANEXO D) a produção de dois alunos.

6.2.2 Fábula

Outro gênero escolhido para o trabalho com a turma foi a fábula. A partir de conversas com a turma, sobre qual gênero eles tiveram mais contato na trajetória escolar, percebeu-se que, depois do conto era a fábula. Então partiu para a análise do conceito retirado do Dicionário de Gêneros, além das características (finalidade, linguagem, estilo, suporte, etc.) Foi levado para a turma alguns textos do gênero, com exercícios.

Em anexo (ANEXO E) segue o exemplo de um texto do gênero, com exercícios.

6.2.3 Resenha

O primeiro passo realizado em sala foi uma sondagem com os alunos do gênero resenha – sinopse de filme. Poucos alunos demonstraram algum conhecimento sobre o assunto. Foram então passados para a turma alguns textos do gênero e em seguida, proposto para a turma um estudo do seu conceito, além das características, finalidade, linguagem, estrutura e suporte. Foi consultado o conceito de resenha, no dicionário de gênero textuais e passado no quadro para a turma, na qual se discutiu as características e tipos de resenhas que existem.

Foi demonstrado grande entusiasmo da turma ao se explicado o trabalho que seria realizado: a turma primeiramente assistiria ao filme, em seguida produziria a resenha e por último a proposta de leitura por alunos de outra turma, a fim de levá-los, a partir da leitura, a demonstrar interesse em assistir ao filme.

A intenção de propor a leitura dos textos por outra turma tinha como objetivo principal, mostrar para o aluno, se seu texto atingiu a sua finalidade. Transmitindo para o leitor a ideia principal do texto.

Após a leitura, os alunos foram ouvidos e foi percebido que algumas resenhas atingiram sua finalidade, porém, a maioria não estava adequada à proposta do

gênero. Muitos textos estavam confusos, sem coerência e coesão, além do aspecto da pontuação, interferir na compreensão do leitor.

Em anexo (ANEXO F) foram transcritas 4 resenhas desenvolvidas pelos alunos.

7. Resultados encontrados

7.1 Análises dos dados

Após a leitura e análise dos textos, foram criados gráficos, que apresentam as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos, na escrita do gênero resenha – sinopse de filme. De um total de 30 textos avaliados os dados obtidos foram:

Gráfico I: Total de Erros (Ortografia e Pontuação)

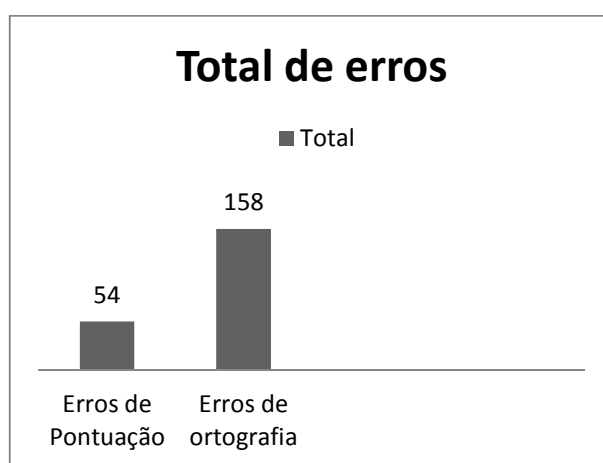
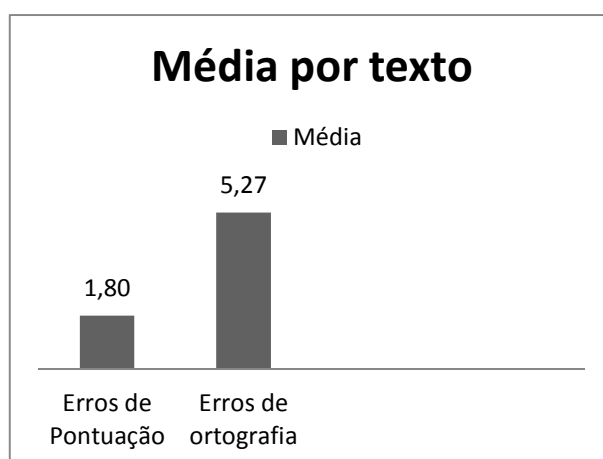


Gráfico II: Total de Erros (Ortografia e Pontuação)



Pode-se perceber através da leitura do gráfico que os alunos apresentaram grande dificuldade em relação à ortografia e em segundo lugar a pontuação, especificamente o uso da vírgula.

Um texto não é somente uma concatenação de frases isoladas, sendo necessário que o falante possua uma competência textual, que consiste na

capacidade de distinguir quando um texto é correto e adequado a uma situação, bem como produzir textos com características específicas.

No processo de articulação de um texto convergem a coesão e a coerência, são inerentes, embora distintas.

A coerência resulta na configuração que assumem os conceitos em relação subjacente à superfície textual. É considerada o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimento entre os interlocutores. Um discurso é aceito como coerente quando apresenta uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do receptor. (COSTA VAL, 2006).

Segundo Dias (2003) a coerência é um fenômeno linguístico responsável pela construção de sentido que garante a interpretabilidade de um texto. As investigações conduzidas pela psicologia cognitiva têm investido esforços no exame da coerência a partir da perspectiva daqueles que recebem o texto. A coerência é alcançada por meio de estruturas linguísticas que asseguram a coesão entre as frases. Esta coesão pode ser dada por meio da expansão do tema ou pela sua redundância/repetição, sendo conseguida a nível sequencial e a nível referencial.

Segundo Bacquellaine (2006) a coesão será entendida como a continuidade de ocorrências na superfície do texto, portanto, uma sinalização linear, explícita ou implícita.

Fávero (1985) discorre sobre o assunto:

O texto prevê determinados sentidos, excluindo outros, determinadas leituras, excluindo outras, porém não uma única leitura. Deste modo, a análise levantará marcas que levarão às intenções do texto, mas com certeza não haverá uma única leitura. (FÁVERO, 1985).

Herrera (2000) menciona que quando se trata da análise da produção textual, ocorre enfoque excessivo mensurar erros ortográficos, deixando os critérios relacionados a coerência e coesão em segundo plano.

Quando se trata da prática da produção textual, existe, por parte dos professores, uma grande preocupação com a correção, atribuindo-se excessiva importância aos erros gramaticais. E com o objetivo de destacar esses erros, muitas vezes o professor não valoriza outros aspectos do trabalho, como o conteúdo, a criatividade, a coerência e a coesão. (HERRERA, 2000)

Assim a correção além de abordar erros gramaticais é essencial que sejam avaliadas a coerência e coesão textual, bem como a adequação ao gênero proposto. Para avaliar a coesão, coerência e adequação ao gênero foram adotados os seguintes critérios:

Tabela 1: Critérios para mensurar adequação das produções textuais à proposta de atividade:

ADEQUAÇÃO AO GÊNERO	
SIM: Boa exploração das informações para construção da resenha, construção de análise crítica.	NÃO: Fuga total às características do gênero RESENHA.
COERÊNCIA	
SIM: Raciocínio lógico completo; as ideias que formam o tema são exploradas, analisadas e arrematadas; progressão lógica corretíssima; nenhuma contradição entre as ideias e a realidade	NÃO: Problemas de articulação do conteúdo: fragmentação total das ideias; ausência total das relações lógicas
COESÃO	
SIM: Uso correto dos elementos coesivos, obtendo efeitos expressivos de sua utilização e perfeita amarração do texto	NÃO: Ausência total ou quase total dos elementos coesivos (uso de conectivos, anafóricos, catafóricos, expansão lexical, sinonímia, elipses).

Gráfico III: Análise dos textos: Quesito Coesão

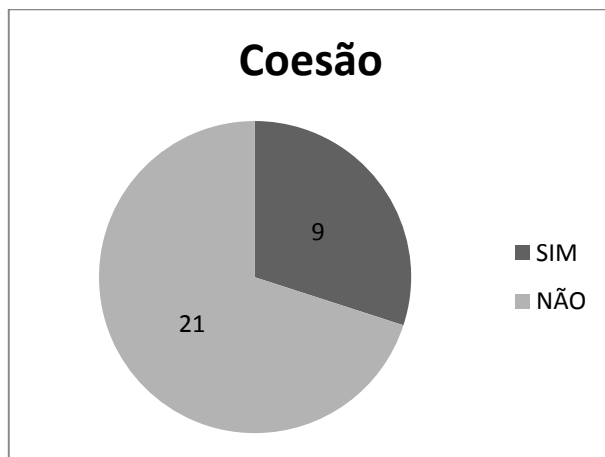


Gráfico IV: Análise dos textos: Quesito Coerência

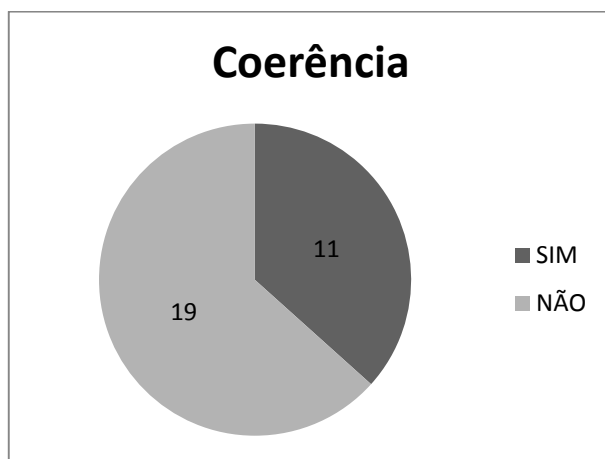
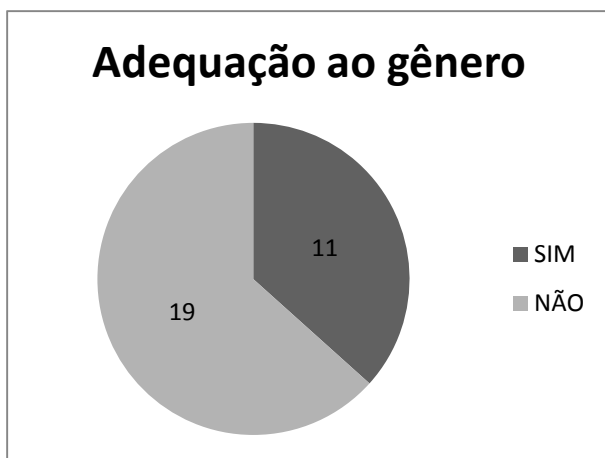


Gráfico V: Análise dos textos: Quesito Adequação ao Gênero



O que chama mais atenção é a quantidade referente à inadequação ao gênero. Mesmo, após a leitura de exemplos de textos do gênero, conversas e discussões na sala, além da exposição das características do gênero, estrutura e finalidade. Os alunos demonstraram grande dificuldade na produção do gênero: de 30 textos, somente 11 estavam adequados ao gênero, ou seja, conseguiriam atingir seu objetivo com o leitor, construindo textos que seguem a estrutura de resenha previamente estudada (análise crítica, e breve resumo do objeto de estudo – Filme: *Piratas do Caribe – Navegando em Águas Misteriosas*). Em relação à inadequação ao gênero, foi analisada durante a avaliação dos textos, a clareza das ideias, a objetividade, a textualidade que envolve as questões da coerência e coesão, bem como as características do gênero Resenha, como a construção de uma breve sinopse do filme e a construção de uma avaliação crítica.

7.2 Considerações Finais

Em virtude do que foi mencionado, foi constatado que a maior dificuldade observada nas resenhas analisadas foi o estabelecimento da coesão nas construções textuais, contudo a coerência e a inadequação ao tema apresentaram mensurações similares. Os erros ortográficos e de pontuação somados representam uma média superior a 7 erros por texto analisado. Os quesitos mencionados estão entrelaçados, apesar de serem quantificados de forma independente não podem ser dissociados no processo de construção textual.

Diante das dificuldades apresentadas, a literatura estabelece que a reescrita dos textos por parte dos alunos com apoio e intervenção do professor, quando necessário, é um instrumento estimulante na produção de textos e eficiente na construção do conhecimento.

No trabalho com produção de textos, é importante lembrarmos de possibilitar situações de planejamento, revisão e reelaboração dos textos pelos alunos intervindo e apoiando sempre que necessário, fazendo-os pensar sobre que escrevem e o que poderiam fazer para melhorar seus textos.(COSTA VAL, 2007)

Na atividade de escrita, a construção de um texto, precisa ser entendida como um processo que não pode ficar limitado a uma única versão. Os PCN's de Língua Portuguesa, retratam a revisão de um texto como uma parte do processo da composição de uma produção de texto bem escrita.

Conjunto de procedimentos por meio dos quais um texto é trabalhado até o ponto em que se decide que está, para o momento, suficientemente bem escrito. Pressupõe a existência de rascunhos sobre os quais se trabalha, produzindo alterações que afetam tanto o conteúdo como a forma do texto. Durante a atividade de revisão, os alunos e o professor debruçam-se sobre o texto buscando melhorá-lo. Para tanto, precisam detectar os pontos onde o que está dito não é o que se pretendia, isto é, identificar os problemas do texto e aplicar os conhecimentos sobre a língua para resolvê-los. (Parâmetros Curriculares Nacionais – Volume 2 – Língua Portuguesa)

Este recurso pode ser realizado em atividades coletivas de revisão, em parceria com os colegas e com a orientação do professor, pois permitem uma reflexão sobre a organização das ideias, a coesão, a coerência, a ortografia e a pontuação. Segundo os PCN's, "a revisão de texto seria uma espécie de controle de

qualidade da produção, necessário desde o planejamento e ao longo do processo de redação e não somente após a finalização do texto acabado”.

Herreira (2000) salienta que o processo de reescrita faz parte da produção de texto, e que estimula o aluno à correção,

A reescrita é uma das fases do processo de elaboração da composição escrita e pressupõe um trabalho de análise linguística do texto através da interação aluno/professor/colegas.

Vista dessa forma, a reescrita valoriza o aluno como sujeito do processo de produção textual, não somente no momento da escrita do texto, mas também na fase de reescrita de seu trabalho. Embora não tendo a mínima noção do que seja linguística, inconscientemente o aluno participa da análise linguística de seu texto ou do texto do colega, orientado pelo professor. (HERREIRA, 2000).

Os erros ortográficos e de pontuação podem ser minimizados com a estimulação do aluno pelo gosto da leitura e escrita, e pela intervenção do professor, através de atividades que levem o aluno a refletir sobre possíveis alternativas de escrita das palavras e tomando a consciência de que há palavras cuja, a ortografia não é definida por regras, e precisam fazer consulta a fontes autorizadas e o esforço de memorização.

Segundo Cagliari (1999), o professor pode atuar como um mediador eficiente na aprendizagem das regras ortográficas. A maneira mais adequada de sanar essas dificuldades seria o hábito de consultar o dicionário. A partir das experiências com a escrita, o professor deve mostrar para o aluno a escrita ortográfica correta, pois esta é a que ele mais usará, porque será a única forma de escrita admitida nos seus trabalhos escolares e na vida.

Ainda segundo o autor o professor precisa ficar atento à produção espontânea da criança e, a partir dela, explicar as dúvidas sobre a escrita e a ortografia que forem ocorrendo. Apenas corrigir as falhas ortográficas não é suficiente, pois a criança precisa saber o que fez e porque precisa corrigir. A gramática deve ser trabalhada de forma aplicada, fornecendo ao aluno a necessária autonomia da língua.

Em relação a pontuação os PCN's apontam a necessidade de aprender a pontuar corretamente um texto:

Aprender a pontuar é aprender a partir e a reagrupar o fluxo do texto de forma a indicar ao leitor os sentidos propostos pelo autor. O escritor indica as separações (pontuando) e sua natureza (escolhendo o sinal) e com isso estabelece formas de articulação entre as partes que afetam diretamente as possibilidades de sentido. (Parâmetros Curriculares Nacionais – Volume 2 – Língua Portuguesa)

Quando o professor propõe aos alunos o trabalho com produção de texto, ele deve estar atento para as condições em que se realizarão este processo. Para despertar a vontade e interesse dos alunos em escrever, é preciso planejar as atividades de produção criando situações reais de envolvimento deles com a escrita.

Existem condicionantes da produção textual, que precisam ser considerados no planejamento de uma atividade escrita; e são segundo (Val e Vieira, 2005):

- Quem escreve?
- Para quem se escreve? (Quem é o leitor?)
- Para que se escreve? (Qual o objetivo do texto?)
- Sobre o que se escreve?
- Onde se escreve?
- Como se escreve?

Durante o processo de produção, deve-se explicitar e analisar junto com os alunos, cada um dos itens acima, buscando mostrar para eles que na escrita de um texto, são estes itens que vão indicar o gênero textual e que devem ser questionadas antes da produção de qualquer texto.

Para formar escritores competentes, portanto, é preciso uma prática contínua de produção de textos na sala de aula, em situações variadas de produção, com uma aproximação das condições de produção às especificidades nas quais se produzem esses textos. Objetivos diferentes exigem diferentes gêneros, e estes têm suas características e formas que necessitam ser aprendidas pelos alunos.

ANEXO A

CHAPEUZINHO VERMELHO

Havia, numa cidadezinha, uma menina que todos achavam muito bonita. A mãe era doida por ela e a avó mais ainda. Por isso, sua avó lhe mandou fazer um pequeno capuz vermelho que ficava muito bem na menina. Por causa dele, ela ficou sendo chamada, em toda parte, de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia em que sua mãe tinha preparado umas tortas, disse para ela:

– Vai ver como está passando tua avó, pois eu soube que ela anda doente. Leva uma torta e um potezinho de manteiga.

Chapeuzinho Vermelho saiu em seguida para ir visitar sua avó que morava em outra cidadezinha.

Quando atravessava o bosque, ela encontrou compadre Lobo que logo teve vontade de comer a menina. Mas não teve coragem por causa de uns lenhadores que estavam na floresta.

O Lobo perguntou aonde ela ia. A pobrezinha, que não sabia como é perigoso parar para escutar um Lobo, disse para ele:

– Eu vou ver minha avó e levar para ela uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe está mandando.

– Ela mora muito longe? – perguntou o Lobo.

– Oh! sim, – respondeu Chapeuzinho Vermelho. – É pra lá daquele moinho que você está vendo bem lá embaixo. É a primeira casa da cidadezinha.

– Pois bem, – disse o Lobo, – eu também quero ir ver sua avó. Eu vou por este caminho daqui e você vai por aquele de lá. Vamos ver quem chega primeiro.

O Lobo pôs-se a correr com toda sua força pelo caminho mais curto. A menina foi pelo caminho mais longo, distraído-se a comer avelãs, correndo atrás das borboletas e fazendo ramalhetes com as florezinhas que encontrava.

O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó. Bateu na porta: TOC, TOC.

– Quem está aí?

– É sua neta, Chapeuzinho Vermelho – disse o Lobo, mudando a voz. Eu lhe trago uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe mandou pra você.

A bondosa avó, que estava na cama porque não passava muito bem, gritou:

– Puxe a tranca que o ferrolho cairá.

O Lobo puxou a tranca e a porta se abriu. Ele avançou sobre a pobre mulher e devorou-a num instante, pois fazia mais de três dias que não comia. Em seguida, fechou a porta e foi se deitar na cama da avó. Ficou esperando Chapeuzinho Vermelho que, um pouco depois, bateu na porta: toc, toc.

– Quem está aí?

Chapeuzinho Vermelho, ao escutar a voz grossa do Lobo, teve medo, mas pensando que a voz de sua avó estava diferente por causa do resfriado, respondeu:

– É sua neta, Chapeuzinho Vermelho, que traz uma torta pra você e um potezinho de manteiga que minha mãe lhe mandou.

O Lobo gritou para ela, adocicando um pouco a voz:

– Puxe a tranca que o ferrolho cairá.

Chapeuzinho Vermelho puxou a tranca e a porta se abriu.

O Lobo, vendo que ela tinha entrado, escondeu-se na cama, debaixo da coberta, e falou:

– Ponha a torta e o potezinho de manteiga sobre a caixa de pão e venha se deitar comigo.

Chapeuzinho Vermelho tirou o vestido e foi para a cama, ficando espantada de ver como sua avó estava diferente ao natural. Disse para ela:

– Minha avó, como você tem braços grandes!

– É pra te abraçar melhor, minha filha.

– Minha avó, como você tem pernas grandes!

– É pra correr melhor, minha menina.

– Minha avó, como você tem orelhas grandes!

– É pra escutar melhor, minha menina.

– Minha avó, como você tem olhos grandes!

– É pra ver melhor minha menina.

– Minha avó, como você tem dentes grandes!

– É pra te comer.

E dizendo estas palavras, o Lobo saltou pra cima de Chapeuzinho Vermelho e a devorou.

*(PERRAUT, Charles **Contos Maravilhosos**. Moderna: São Paulo, 2008. P. 93-94)*

ANEXO B

QUESTÕES SOBRE O CONTO **CHAPEUZINHO VERMELHO**:

1) Além de divertir, os contos de fadas normalmente procuram transmitir às crianças alguns conhecimentos. No caso do conto *O Chapeuzinho Vermelho*, a história parece alertar as pessoas contra os perigos da:

- (A) *Imprudência e ingenuidade*
- (B) *Vaidade e ingenuidade*
- (C) *Bondade e esperteza*
- (D) *Maldade e companheirismo*

2) Como todos contos de fada, *O chapeuzinho Vermelho* apresenta um herói ou uma heroína e um vilão: aquele que se opõe ao herói.

Marque a opção CORRETA:

- (A) *A Chapeuzinho Vermelho é a heroína.*
- (B) *Os vilões são os lenhadores.*
- (C) *O vilão é punido, a heroína salva.*
- (D) *O vilão alcança seu objetivo: salvar a Chapeuzinho Vermelho.*

ANEXO C

O segundo Ataque

Lucas Leocádio Borges Silva

A primeira vez um ataque surgiu, em que algumas bruxas pegaram um personagem de contos de fadas chamada Feiurinha. O primeiro ataque foi resolvido, mas o segundo é impossível.

Um belo dia, disfarçada, a bruxa Onilda entrega no castelo um convite para que Cinderela vá em um baile, em seu quarto Cinderela recebe o convite e fica encantada com o que o príncipe escreveu. Cinderela a partir daquele momento fica ansiosa para chegar aquele dia. Os dias se passaram e finalmente chegou o momento do baile, muito bonita e bem vestida Cinderela segue em sua carruagem até em meio a floresta a bruxa Onilda e a faz ser transportada pelo ponto final. Cinderela fica abismada e boquiaberta, pois a mesma aparece no volante de um carro importado e o pior em um trânsito congestionado. Cinderela sem saber o que fazer tenta descer do veículo com aquele vestido todo rodado estilo baile, mas não consegue, então desiste tentando comandar aquela coisa então desconhecido e não é que deu certo! Cinderela consegue dirigir aquela coisa para sua surpresa. Ela para tentar fugir estava assustada com tudo aquilo faz várias conversões erradas chamando atenção do guarda de trânsito, em alta velocidade saía Cinderela naquela coisa improtada infringindo a lei, avançando todos os sinais. De repente surge do seu lado várias viaturas pedindo aquela louca mulher de vestes estranhas pare o carro. Sem saber o que fazer em frente uma barraca de melancias estendida na calçada aproximando até bater na mesma. Os policiaias pedem que ela saísse do carro pois está presa e maus uma vez sem saber o que fazer Cinderela parecia estar louca, mais algo de estranho lhe acontece naquele incidente, pois aparece a sua frente de farda aquele pncipe sendo ele o comandante daquela operação.

Então o príncipe abre o carro e tira Cinderela e lhe dá um abraço dizendo:

_ Enfim Cinderela estamos juntos para ir ao baile!

Dizendo isto os dois aparecem no castelo do príncipe aonde já estavam os convidados.

ANEXO D

Cinderela na Era do Gelo

Ludmilla Peres Castro Araújo.

Era uma vez uma noite clara a lua brilhava no céu e em um castelo uma voz se ouvia do quarto de uma bela moça chamada Cinderela. Ela estava dormindo, sonhando, e nesse sonho ela estava num país distante de tudo, ela estava na “era do gelo”.

Lá estava linda como sempre com seus sapatinhos de cristal que ganhou da vovó.

_ Nossa que frio. Será que não tem nenhuma lareira porque?

Nossa Cinderela claro que não né, a única coisa que tem por aqui é neve, elefantes, animais e mais neve.

Onde eu estava com a cabeça de vim ver a vovó aqui na era do gelo. Há bom.

É melhor eu ir logo procurar a casa da vovó antes que apareça um gavião gigante e me coma.

E lá estava ela andando bem no meio do gelo sem saber para onde ir. Quando de repente...

_ Ahaaah!

Ela deu um berro. E ali ela percebeu que não estava só.

_ Ei quem é você?

_ Eu sou Bac.

_ Prazer, sou Cinderela.

_ Ué, Cinderela? Aquela dos contos de fadas?

_ Sim sou eu.

Naquele momento Cinderela pensou que Bac era seu amigo. Mas ele não era nada daquilo que ela estava pensando, ele estava mesmo de olho nos seus sapatos.

_ Nossa Cinderela, que sapatos lindos.

_ Nossa hein Bac? Com tanta coisa para você olhar, você vai olhar logo pros sapatos.

_ Eles são de cristal?

_ Sim, por quê?

_ Por nada.

_ A tá.

Bac esta prestes a fazer uma coisa que não devia mas resolveu deixar pra depois.

No meio do caminho Cinderela se sentiu cansada e resolveu deitar e descansar, aproveitando isso Bac pegou seus sapatinhos e sumiu do mapa.

Ao amanhecer Cinderela estava sem os sapatinhos que ganhou da vovó.

Ele havia escondido os sapatos e ela prometeu que não diria nada.

Ao amanhecer Bac voltou correndo e viu Cinderela chorando e ele perguntou.

_ O que aconteceu Cinderela, porque você está chorando ele perguntou.

_ Bac alguém roubou meu sapatinho.

Ouvindo aquilo Bac se entristeceu e disse a ela:

_ Eu peguei.

_ Você pegou o que?

_ Seus sapatos. Mas me perdoe não foi pro mal.

Então ele a devolveu os sapatos e disse.

_ Você me perdoa?

_ Sim.

_ Quer casar comigo?

_ Não.

Ah o que foi Cinderela?

_ Eu estava sonhando.

_ Ora e sonhou com o quê?

_ Que estava num país distante, apareceu um tipo de cachorro e roubou meus sapatos e ainda queria casar comigo.

FIM!

ANEXO E

O leão e o inseto

(Esopo)

Um inseto se aproximou de um Leão e disse sussurrando em seu ouvido: "Não tenho nenhum medo de você, nem acho você mais forte que eu. Se você duvida disso, eu o desafio para uma luta, e assim, veremos quem será o vencedor."

E voando rapidamente sobre o Leão, deu-lhe uma ferroadada no nariz. O Leão, tentando pegá-lo com as garras, apenas atingia a si mesmo, ficando assim bastante ferido.

Desse modo o Inseto venceu o Leão, e entoando o mais alto que podia uma canção que simbolizava sua vitória sobre o Rei dos animais, foi embora relatar seu feito para o mundo. Mas, na ânsia de voar para longe e rapidamente espalhar a notícia, acabou preso numa teia de aranha.

Então se lamentou Dizendo: "Ai de mim, eu que sou capaz de vencer a maior das feras, fui vencido por uma simples aranha".

Moral da História: O menor dos nossos inimigos é frequentemente o mais perigoso.

No trecho "... disse sussurrando em seu ouvido:..." (linha 1), a palavra destacada significa

- A) falando arrastado.
- B) falando baixo.
- C) falando embolado.
- D) falando rápido.

De acordo com esse texto, o leão

- A) causou sua própria derrota.
- B) desistiu da luta.
- C) entoou uma canção de vitória.
- D) pegou o inseto.

Esse texto é:

- A) um aviso.
- B) um relato.
- C) uma fábula.
- D) uma notícia.

Esse texto serve para

- A) comover as pessoas.
- B) deixar uma lição.
- C) incentivar lutas.
- D) repreender atitudes.

ANEXO F

RESENHA

O filme começou no julgamento de Jack Sparrow. O meio foi com os homens do “barbara necha” queriam capturar a sereia, beber a água da fonte da juventude. No final do filme os espanhóis destruíram a fonte da juventude

(Rafael Timóteo Santos)

Piratas do caribe – navegando em águas misteriosas

O Jack Sparrow (Jonhny Depp) vai para Londres para pegar resgatar Jyplos integrante de sua tripulação no Perola negra, alguém está usando seu nome para conseguir marujos em uma viagem rumo a fonte da juventude A Angélica uma antiga casa que balança. Encontrar a fonte da juventude para seu pai tem alguns anos de vida. O Capital Barbosa só queria trabalhar o império britânico A final Jack Sparrow deixa a Angélica em uma ilha deserta.

(Rayanne Gonçalves Moreira)

Piratas do Caribe

O capitão Jack Sparrow (Johnny Depp) vai até Londres para resgata Gybls, integrante de sua tripulação no Pérola Negra. Lá ele descobre que alguém estão usando seu nome para conseguir marujos em uma viagem rumo à fonte da juventude.

Sparrow investiga e logo percebe que Angélica, um antigo caso que balançou seu coração, é a responsável pela farsa. Ela é filha do lendário pirata Barba Negra (Lan Mcshane), que está com os dias contados. Desta forma, Angélica quer encontrar a fonte da Juventude para que seu pai tem mais alguns anos de vida. No enalço deles está o capitão Barbosa que agora trabalha para o império britânico.

Ao final do filme Jack Sparrow deixa Angélica em uma ilha deserta e parte.

(Luiza Campos)

Piratas do Caribe Navegando em águas misteriosas

O capitão Jack Sparrow (Johnny Depp) vai até Londres em busca de Gibls (Kevin Mecnelly), seu companheiro do Pérola Negra.

La ele ouve falar que alguém esta usando seu nome para conseguir tripulantes em uma viagem à Fonte da juventude. Ele descobre que Angélica (Penélope Cruz) uma antiga história de amor, que é a responsável pela grande farsa.

Após isso Sparrow descobre que ela é filha do lendário Barba Negra (Lan Macshane). A partir daí Angélica quer encontrar a Fonte da Juventude, para que seu pai possa viver por mais alguns anos. Mais para o mal deles em seu caminho encontraram o capitão barbosa, que agora pertencia ao império britânico.

(Victória Chagas)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. C., Os aspectos formais e funcionais do texto na escrita e Reescrita de crianças do 2º ano do ensino fundamental, EDUFU, Uberlândia, v.2, n 1, 2012

BACQUELAINE, F. Em busca de coesão e coerência : Vivaldi reencontrado. O fascínio da linguagem , Porto (Portugal), v.332008. 147-154

BACK, Eurico. Fracasso do ensino de português. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa (5ª à 8ª série)*. Brasília.

BELO HORIZONTE, Prefeitura Municipal de Belo horizonte – Secretaria Municipal de Educação, (2010). *Desafios da Formação Proposições Curriculares - Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo.1999

CAGLIARI, L.C. *A caracterização gráfica na história do alfabeto. Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas, SP, Mercado das Letras, 1999

CAMPS, A. (org). *Propostas didáticas para aprender a escrever*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

COSTA VAL, M. G. C.. *Redação e textualidade*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COSTA VAL, Maria da Graça e VIEIRA, Martha Lourenço. *Produção de textos escritos: Construção de espaços de interlocução*. Belo Horizonte; Ceale/FaE/UFMG, 2005. Coleção Alfabetização e Letramento.

FÁVERO, L. L. 1985. *Competência textual e ensino de leitura*. Anais do V Congresso de Leitura do Brasil, UNICAMP. p. 159-63.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. São Paulo, Ática, 1991.

HERREIRA, A. S. Produção textual no ensino fundamental e médio: da motivação à avaliação 2010. Dissertação de Mestrado - Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

INFANTE, Ulisses. Do texto ao texto – curso prático de leitura e redação. São Paulo: Scipione, 1998.

KOCH, I.V. O Texto e a Construção dos Sentidos. São Paulo: Contexto, 2003. 11p.

KOCH, I.G.V ; TRAVAGLIA, L.C. Texto e coerência. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, I. G. V; TRAVAGLIA, L. C. A Coerência Textual. 4. Ed. Contexto São Paulo, 1992.

LOVATO, C.S. Gêneros textuais e ensino: uma leitura dos PCN's de língua portuguesa do ensino fundamental. Travessias. Santa Cruz do Sul, v.2, n.3, set-dez., 2008.

MARQUES, M. H. Duarte. *Iniciação à Semântica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, Rio de Janeiro. 1990.

MEURER, J.L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, M.B.M.; TOMITCH L.M.B. (Orgs.). Aspectos da linguística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000.

NOGUEIRA, A.P. Uma experiência de aplicação de gêneros textuais para o ensino de inglês. SIGNO. Santa Cruz do Sul, v.33, n.55, jul-dez., 2008. p.78-95.

Rocha, G., Val, M. da G. C. (Orgs.). Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito-autor. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG